



RAÍZES QUEBRADAS: O COMPORTAMENTO SUICIDA E A IMPORTÂNCIA DE TRANSFORMAR OS VÍNCULOS AFECTIVOS NA ADOLESCÊNCIA

Ana de Oliveira e Sousa
Constança Machado
Vânia Pereira Branco
Universidade de Évora,

RESUMO

Sendo a família o primeiro contexto social em que o indivíduo se desenvolve, parece indubitável que a qualidade das relações familiares possa contribuir para o desenvolvimento de trajetórias de vida negativas, nomeadamente para comportamentos suicidas.

No presente artigo, partindo de uma abordagem teórica, procura-se reflectir sobre a qualidade dos vínculos afectivos e a sua relação com o processo de separação-indivuação em adolescentes com comportamentos suicidas.

Mais do que uma psicopatologia associada a um comportamento suicida, acredita-se que o sofrimento psicológico prévio tem origem na relação com *um outro* significativo e na dificuldade do adolescente em autonomizar-se.

Palavras-chave: Adolescência, Vinculação, Separação, Autonomia, Comportamento Suicida

ABSTRACT

Family is the first social context in which an individual develops. It seems clear that the quality of family relationships can contribute to the development of negative trajectories, particularly for suicidal behaviors. In this article, from a theoretical approach, we try to reflect about the quality of affective ties and relationship to the process of separation-individuation in adolescents with suicidal behavior.

More than a psychopathology associated with a suicidal behavior, we believe that there is a prior psychological suffering that comes from the relationship with a significant other, and from the difficulty of the separation- individuation process of the adolescent.

Keywords: Adolescence; Attachment; Individuation; Autonomy; Suicidal Behaviors



INTRODUÇÃO

Reflectirmos sobre a adolescência, é percebermos a forma como fomos investidos até então, é percebermos que alguém nos reconhece como seres capazes de conquistar a sua autonomia. Mais ainda, é percebermos que os laços que nos unem são suficientemente fortes ao ponto de conseguirmos afastar-nos e acreditar que poderemos sempre regressar, ou que, inversamente, os laços que nos unem aos outros significativos são tão frágeis que temos medo que se quebrem, impedindo-nos de crescer. Pensarmos a adolescência é perceber que nos podemos ver ao espelho do outro e constatarmos que podemos ser diferentes daquele reflexo. Neste sentido, é compreender que nos desenvolvemos sempre com um outro, que existimos porque alguém soube olhar-nos em profundidade, devolvendo-nos um reflexo que interiorizamos como nosso.

A adolescência é uma etapa do ciclo de vida, onde se espera que o sujeito se transforme num adulto autónomo, com maturidade e uma identidade definida.

Requer, assim, uma necessidade de explorar, de experimentar e de conquistar o mundo. Porém, o adolescente só conseguirá explorar o mundo externo, se tiver sido amado internamente; só conseguirá libertar-se, se tiver estado preso por laços que lhe permitiram uma segurança interior solidificada; só procurará novas relações, se tiver interiorizado que poderá confiar nos outros, só conseguirá autonomizar-se e amar os outros, se foi suficientemente investido e amado pelos seus progenitores.

A qualidade da relação estabelecida entre a criança e o seu prestador de cuidados desempenha um aspecto fulcral no que concerne ao desenvolvimento emocional e afectivo do indivíduo, na medida em que representa a primeira relação de intimidade.

Porém, caso existam lacunas por preencher ao longo deste percurso, estas poderão actuar como barreiras que dificultarão o processo de desenvolvimento, comprometendo a trajectória do indivíduo.

As tentativas de suicídio na adolescência podem surgir, assim, como um fracasso ao nível das tarefas de desenvolvimento deste período de vida, na medida em que a insegurança percebida desde a infância impedem o adolescente de progredir e agir de um modo saudável. E não acreditando que é possível continuar numa trajectória de desenvolvimento salutar, o suicídio surge como um ataque a um corpo que se transforma, sendo, simultaneamente, uma agressão em relação às pessoas significativas que não conseguiram transmitir a segurança necessária que o indivíduo deseja e necessita experienciar. Assim, perante situações de extremo conflito e perante uma angústia e uma dor psíquica insuportável que precisa de ser aliviada, a auto-preservação e a sobrevivência ficam comprometidas.

A Importância dos Vínculos que nos Sustentam

Ao longo dos primeiros anos de vida, mediante as interacções com os prestadores de cuidados, a criança vai desenvolvendo estruturas cognitivas a que Bowlby (*in* Canavarro, 1999) designou de Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*). O constructo de Modelos Internos Dinâmicos pode ser definido como:

Representações mentais do *self* e dos outros que são activamente construídas pelo indivíduo e são constituídas por conhecimentos e expectativas relativas aos outros significativos, em termos da sua acessibilidade e responsividade, e ao *self* em termos do seu valor próprio e capacidade de afectar os outros. Estes modelos são constituídos a partir das experiências de vinculação e da interpretação destas experiências, no sentido em que é no contexto das interacções repetidas



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

com as figuras de vinculação que o indivíduo organiza essas experiências sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações. (Soares, 2000, p. 400).

Neste sentido, é mediante uma matriz relacional precoce que vai sendo construída uma estrutura interna de afectos, cognições, expectativas e comportamentos, sendo que esta estrutura tem tendência para persistir ao longo do tempo (Soares, 2000).

O significado e o sentido que a criança atribuiu às suas relações precoces, será determinante para a sua estruturação e regulação emocional. Deste modo, Machado (2007) postula que *cada um de nós tem um estio relacional que se organizou no seu passado infantil, que transporta consigo para as relações com os outros objectos que escolhe e que o escolhem* (p. 40).

É a qualidade das relações de vinculação na infância (e, consequentemente, a forma como essas relações se estruturaram e se organizam na vida mental), que irão permitir ao adolescente realizar uma das tarefas que lhe compete neste período: a separação-indivuação das figuras de vinculação.

A adolescência é, assim, caracterizada por um período de transição marcado por uma redefinição dos padrões de vinculação estabelecidos com os progenitores, verificando-se, simultaneamente, um aumento da importância dos pares no que concerne ao suporte e equilíbrio emocional do próprio adolescente.

Do ponto de vista do desenvolvimento, é na adolescência que se intensificam as movimentações para um mundo exterior, pelo que, paulatinamente, o adolescente se vai tornando emocionalmente autónomo das figuras parentais.

O conceito de separação-indivuação foi introduzido na literatura por Margaret Mahler e colaboradores (1975, *in* Boles, 1999). Segundo a sua perspectiva, o processo de separação-indivuação ocorreria em diferentes estádios do desenvolvimento da criança, verificando-se que neste momento a criança separar-se-ia de uma relação simbiótica com a mãe, criando a sua própria identidade (Yahav, Vosburg & Miller, 2007).

O mesmo conceito de separação-indivuação foi empregado por Peter Blos. O autor realça que na adolescência existiria um segundo processo de separação-indivuação, constatando-se uma passagem de um estado de dependência para um estado de autonomia, especialmente no que concerne à relação com os pais (Blos, 1996).

Parece haver evidências no que concerne à relação entre a qualidade de vinculação na criança e o processo de separação-indivuação na adolescência. De facto, Lopez & Gover (2001) referem que:

Qualities of the parent-adolescent attachment are assumed to either promote or inhibit the process of separation-indivuation, which itself presumably furnishes the adolescent with a clear, stable and separate sense of self (p.560).

Na mesma lógica, Fleming (2005) alega que:

Para se poder separar e individuar, o adolescente precisa de se sentir ligado aos pais através de um vínculo seguro. Não estando seguro dos laços que o unem aos pais, temendo uma perda de amor pelo facto de desejar separar-se deles, o adolescente pode retrair-se na marcha para a tarefa de individuação, dando lugar ao impasse ou paragem do desenvolvimento psicológico (p.42.)

Baseando-se numa grelha teórica psicanalítica, em conhecimentos clínicos e empíricos, Fleming (2005) concebeu um modelo em dupla hélice do desenvolvimento psicológico. Segundo este modelo, existiria uma hélice de vinculação e uma hélice de separação que funcionariam em dialéctica



ao longo do ciclo de vida. Espera-se, no entanto, que na adolescência a hélice da separação-individuação possa ser predominante.

A segurança sentida (ou não) pela criança, será um factor protector (ou de risco) para que esta, na adolescência, consiga ter um movimento de exploração do mundo que lhe permitirá separar-se dos seus progenitores (reconhecendo-os como objectos separados de um “eu”) e tornar-se num adulto com uma identidade sólida e um *self* coeso.

Perturbação das Relações e o Comportamento Suicida na Adolescência

Uma celeuma patente na literatura no que concerne aos comportamentos suicidas ocorre em torno da existência ou não de psicopatologia nos indivíduos que atentam contra a sua vida.

Para alguns autores, (*in* Marcelli & Braconnier, 1989) o comportamento suicida surge como o *indicativo de uma distorção sempre grave da personalidade, em vias de estruturação na adolescência* (p. 101).

Porém, um outro grupo de autores enfatiza *que a tentativa de suicídio não reflecte necessariamente a existência de um distúrbio da personalidade no adolescente* (Jacobs, s.d, *in* Marcelli & Braconnier, 1989, p. 101). Nesta óptica, Davidson e colaboradores (s.d, *in* Marcelli & Braconnier, 1989) afirmam que: *um número considerável de adolescentes suicidas devem ser considerados como normais ou apresentando distúrbios menores, provavelmente passageiros* (p. 101).

Sendo o suicídio um fenómeno raro durante a infância, é na adolescência que este fenómeno começa a ser mais notório, tendo vindo a aumentar significativamente nos países industrializados (Violato & Arato, 2004). É neste período que as mudanças ao nível cognitivo, biológico e relacional (quer com os pais, quer com os pares) ocorrem, tornando-se necessário (para a sua saúde psíquica) que o adolescente integre todos os aspectos da sua vida psíquica e emocional de uma forma coerente e estruturada.

A conquista da autonomia psicológica e relacional necessária na adolescência poderá ser sentida como perturbadora para o indivíduo. Assim, pela impossibilidade de se pensar e ser pensado, pela dificuldade em comunicar aquilo que não consegue colocar em palavras, o suicídio na adolescência apresentar-se-á como a única forma de comunicar ao outro o seu sofrimento psicológico.

Autores como Landame (s.d. *in* Marcelli e Braconnier, 1989) relacionam o comportamento suicida com o fracasso no segundo processo de separação-individuação. Para este autor,

Existiria uma angústia de separação particularmente viva (...). Esta angústia remete para um bloqueio dos processos de internalização em virtude de um desequilíbrio entre os processos de identificação introjectiva e os processos de identificação projectiva, em favor destes últimos. Este excesso nos processos de identificação projectiva suscita graves falhas no eixo do narcisismo: o adolescente permanece demasiadamente dependente dos outros (devido à identificação projectiva), não consegue constituir um sentimento de si suficientemente estável (p. 108).

Marcelli & Braconnier (1989) defendem mesmo que: *a tentativa de suicídio pode ser compreendida como um gesto último e por vezes desesperado para manter os restabelecer uma ligação com os outros, muitas vezes mal conduzida até então* (p. 101).

Para Jung (1959 *in* Jobes, 1995), a tentativa de suicídio surge de uma necessidade inconsciente de renascimento para uma vida melhor, com um novo *Self*; enquanto que para Klein (1935, *in* Jobes,



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

1995) seria uma forma de proteger os bons objectos interiorizados do instinto de morte dos maus objectos interiorizados.

Alternativamente, Blank & Blank (1974, *in* Jobes, 1995) argumentam que a tentativa de suicídio corresponderia a um regresso a um estado de simbiose, dificuldades no processo de Separação-Individuação.

Indubitavelmente, subjacente a uma tentativa de suicídio, encontra-se um sofrimento interior muito intenso, marcado por angústias e desesperos que bloqueiam a vontade de continuar. Strecht (2005) defende que o adolescente que procura o suicídio fá-lo por necessidade de uma ruptura, de uma mudança, por acreditar que algo de novo poderá surgir:

O adolescente suicida deseja sempre, em última instância, a vida. Sabe, pressente, que para tal ser conseguido, necessita de introduzir uma ruptura. Uma mudança radical no que até àquele momento a sua vida foi ou se tornou. Por isso, anseia por uma vida diferente, com uma imagem de si próprio, com uma relação com pais e amigos remodelada, habitualmente mais equilibrada e narcisante, uma vida construída e vivida longe de todo o sofrimento que tem sentido, pois mesmo quando fala em morrer, não raramente pressupõe a passagem para um qualquer estado de paz, tranquilidade, bem-estar (p. 168).

Sampaio (2002) refere que o gesto suicida é multideterminado, relacionando-se com um triplo fracasso no âmbito individual, familiar ou social. Contudo, segundo o autor, na adolescência, a tónica é acentuada na vertente individual e familiar.

De facto, Joffe (2000) afirma que:

Muitas tentativas de suicídio seguem-se a uma discussão com os pais (...). Amor e preocupação por eles mesmos e pelos pais podem agora ser colocados de lado facilmente. Eles vêem os pais como culpados: são eles, e não o adolescente, que são tornados responsáveis pelo ataque suicida daquela criança cujos pais são vistos como insuficientemente afectuosos (p. 59).

Para Erlich (1978, *in* Marcelli e Braconnier, 1989), o adolescente que recorre a comportamentos suicidas apresenta uma falha na qualidade das relações de objecto precoces. Deste modo, o adolescente *busca atrair sobre si a atenção e o amor do objecto primário (a mãe), o qual julga inacessível ou perdido, precisamente devido a falhas precoces* (p. 108).

Grinberg (2000) alega que nos adolescentes, o suicídio encontra-se associado a *reações impulsivas de raiva, de hostilidade, impulsos onde pode existir uma procura da morte, mas como uma forma de castigo inconsciente ou de ataque (acting-out) dirigido para objectos internos que representam os pais* (p. 131).

Adam (1994) defende, também, que as experiências precoces percebidas como negativas poderão ser consideradas factores precipitantes no que concerne às tentativas de suicídio:

Those who have experienced their caretakers as insensitive and unavailable, or whose childhood experience has been intruded upon by parental needs, are more likely to have poor regard for themselves and pessimistic and hostile expectations of others, both of which are likely to contribute to difficulties in forming and maintaining relationships. Extensive evidence shows just these characteristics to be present in patients making suicide attempts (p. 291).

Autores como Orbach (1986, *in* Wagner, Silverman & Martin, 2003); Pfeffer (1996, *in* Wagner, Silverman & Martin, 2003) e Richman (1986 *in* Wagner, Silverman & Martin, 2003) postulam que



subjacente aos comportamentos para-suicidas e suicidas na adolescência se encontram padrões familiares pautados por um evitamento da expressão emocional, um certo secretismo, acompanhado de elevados níveis de hostilidade.

Num estudo desenvolvido por Sampaio (1991, *in* Santos, 2007), o autor concluiu que a gravidade da tentativa de suicídio se encontra relacionada com uma relação insatisfatória com a figura materna, sendo esta sentida como distante e autoritária.

Por seu turno, Fergusson & Lynsky (1995, *in* Wagner, Silverman & Martin, 2003) concluíram que existe uma relação significativa entre uma baixa responsividade maternal (menor sensibilidade e disponibilidade emocional e menor aceitação da criança) durante a infância e um risco mais elevado de tentativas de suicídio na adolescência.

Para Adam, Sheldon-Keller & West (1996, *in* Allen & Land, 1999), a ideação de suicídio e o suicídio consumado na adolescência encontram-se relacionados com vinculações inseguras.

Do mesmo modo, De Jong (1992, *in* Violato & Arato, 2004) aponta que padrões de vinculação inseguros na adolescência se encontram associados com o suicídio na adolescência.

Constata-se, assim, um corpo sólido de investigações que apontam para a relação entre os padrões de vinculação na infância e o risco de comportamentos suicidas em adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construímo-nos e afirmamo-nos como seres individuados na relação com o outro, através da intersubjectividade psíquica e da forma como fomos elaborados e reconhecidos pelos nossos prestadores de cuidados.

Conseguimos explorar o mundo e percepcioná-lo como seguro, quando existem vínculos afectivos sólidos e estruturados ancorados na nossa *memória emocional*.

Desta forma, a qualidade da relação permite não só explorar o mundo exterior, mas também permite a capacidade de explorar o nosso próprio mundo interior e de o reconhecermos como rico em termos de objectos internos. Isto porque, *é a segurança do vínculo que me liga, que permite o espaço onde posso experimentar e integrar as emoções positivas e negativas, tornando-me competente para as pensar* (Machado, 2007).

Porém, quando o adolescente sente que os vínculos e os afectivos vividos o perturbam e o impedem de se tornar autónomo e de percorrer o seu caminho, o desenvolvimento fica suspenso e o conflito interno emerge.

Neste sentido, porque o adolescente não foi suficientemente investido e reconhecido como ser único e individuado, sente que o corte relacional pode ser realizado mediante uma separação física que encontra nos comportamentos suicidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, K. (1994). Suicidal Behaviour Attachment: A Developmental Model. In M. Sperling & W. Berman (Eds), *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives*. London: The Guildford Press.
- Adam, K.; Sheldon-Keller, A. & West, M. (1996). Attachment Organization and History of Suicidal Behaviour in Clinical Adolescents. *Journal of Consulting*, vol.62, n.2, pp. 297-305.



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

- Allen, J. & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications*. New York: The Guildford Press.
- Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Batgos, J. & Leadbeater, B. (1994). Parental Attachment, Peer Relations and Dysphoria in Adolescence. In M. Sperling & W. Berman (Eds), *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives*. London: The Guildford Press.
- Berman, W. & Sperling, M. (1994). The Structure and Function of Adult Attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds), *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives*. London: The Guildford Press.
- Blos, P. (1996). *Transição Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Boles, S. (1999). A Model of Parental Representations, Second Individuation, and Psychological Adjustment. *Journal of Clinical Psychology*, vol. 55(4), pp. 497-512.
- Bowlby, J. (1990). *Apego: A Natureza do Vínculo* (2ª Ed.). Vol 1. S. Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações Afectivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto.
- Di Filippo, J. & Overholser, J. (2000). Suicidal Ideation in Adolescent Psychiatric Inpatients as Associated with Depression and Attachment Relationships. *Journal of Clinical Child Psychology*, vol. 29, n.2, pp. 155-166.
- Fleming, M. (2005). *Entre o Medo e o Desejo de Crescer: Psicologia da Adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gardner, F. (2006). *Self-Harm: a Psychotherapeutic Approach*. New York: Brunner-Routledge.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Jobes, D. (1995). Psychodynamic Treatment of Adolescent Suicide Attempts. In J. Zimmerman, *Treatment Approaches with Suicidal Adolescents*. New York: Wiley Interscience Publication.
- Joffe, R. (2000). "Não Me Ajudem": O Adolescente Suicida. In Moses Laufer (Coord.), *O Adolescente Suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Laufer, M. (2000). Compreender o Suicídio: Tem um Significado Especial na Adolescência? In Moses Laufer (Coord.), *O Adolescente Suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Lopez, F. & Gover, M. (1993). Self-Report Measures of Parent-Adolescent Attachment and Separation-Individuation: A Selective Review. *Journal of Counseling & Development*, vol. 71, pp. 560-569.
- Machado, C. (2007). A Psicanálise Enquanto Relação Intersubjectiva. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 27(2), pp.39-62.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (1989). *Manual de Psicopatologia do Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nabuco de Abreu, C. (2005). *Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas*. S. Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sampaio, D. (2002). Intervenção Familiar em Adolescentes Suicidas. *Psychologica*, 31, pp. 85-92.
- Santos, J. (2007) *Para-Suicídio: O que dizem as famílias*. Coimbra: FORMASAU.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do Desenvolvimento e Contexto Familiar: Teoria e Investigação das Relações de Vinculação. In Isabel Soares (Coord.), *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)Adaptativas ao Longo da Vida*. Coimbra: Quarteto.
- Sroufe, L. & Fleeson, J. (1986). Attachment and the Construction of Relationship. In W. Hartup & Z. Rubin, *Relationship and Development*. London: Lawrence Erlbaum Association Publishers.
- Strecht, P. (2005). *Vontade de Ser: Textos Sobre Adolescência*. Lisboa: Assírio & Alvim.



- Violato, C. & Arato, J. (2004). Childhood Attachment and Adolescent Suicide: A Stepwise Discriminant analysis in Case-Comparison Study. *Individual Differences Research*, 2, pp. 162-168.
- Wagner, B.; Silverman, M. & Martin, C. (2003). Family Factors in Youth Suicidal Behaviours. *American Behavioural Scientist*, vol. 46, n.9, pp. 1171-1194.
- Weiner, I. (1995). *Perturbações Psicopatológicas na Adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Yahav, R.; Vosburgh, J. & Miller, A. (2007). Separation-Individuation Process of Adolescent Children of Parents with Multiple Sclerosis. *Multiple Sclerosis*, 13, pp. 87-94.

Fecha de recepción 1 Marzo 2008
Fecha de admisión 12 Marzo 2008